

WATANABE, Lygia Araujo. Platão por mitos e hipóteses. Um convite à leitura dos Diálogos. São Paulo: Moderna, 1995. 174 p. (Coleção “Logos”).

Ao que parece, nossa época não está para os volumosos tratados. Estudos exaustivos e monográficos, explorando “verticalmente” determinados temas, estão cedendo lugar para textos menores e panorâmicos. Conhecer a floresta, sem deter-se nos detalhes das árvores ali existentes, ao que tudo indica, parece ser a preferência editorial dos últimos anos. Daí a verdadeira explosão de coleções de caráter propedêutico, tais como “Primeiros Passos” e “Tudo é História”, da Brasiliense; “Princípios”, da Ática e “Logos”, da Moderna, para falar dos textos mais difundidos. Evidentemente, com isso, não estamos pregando o fim dos estudos mais densos e dos tratados de muitas páginas. Ambas as linhas editoriais têm o seu lugar. É uma questão de alvos e objetivos.

Devemos lembrar que, até mesmo estudos especializados, hoje, tendem a reduzir suas páginas. No tratamento de Platão, por exemplo, no início dos anos noventa, o Instituto Suor Orsola Benicasa, de Nápoles, conhecido pelo intenso trabalho de pesquisa e produção cultural, publicou nove fascículos elegantemente editados, tendo como linha interpretativa a tendência da chamada Escola de Tübingen, que propõe um “novo paradigma” para se entender o platonismo original. Esta nova forma de estudo já havia sido pressentida na metade deste século por pensadores do porte de Léon Robin, J. Stenzel, J. N. Findlay e outros. Sem entrar na discussão dessa nova abordagem, o que queríamos exemplificar é que tais fascículos têm, em média, 75 páginas, sendo que o mais volumoso atinge 117. Trata-se do trabalho de Maurizio Migliori, *Il “Parmenide” et la dottrine non scritte di Platone*. E não se caracteriza como simples texto de divulgação, mas de pesquisa de notável profundidade.

O livro que ora resenhamos não está voltado exclusivamente para colegiais que pretendam iniciar seus estudos em Platão. Embora seu caráter de complexidade seja menos acentuado, procurando a autora escrever de uma forma agradável e corrente, não sacrifica determinadas linhas básicas para o entendimento do filósofo. O capítulo 2, por exemplo, aborda com propriedade as obras de Platão, entrando no universo da classificação de suas obras, das edições existentes e da forma correta de citação. Após a leitura deste livro, é imperdoável que o mesmo leitor, na eventualidade de escrever alguma coisa sobre o grande pensador grego, cite suas obras através de páginas (embora esta heresia metodológica ainda seja prática corrente até entre universitários desavisados). Uma vez feitas considerações breves, mas suficientemente claras sobre os manuscritos

antigos, a autora toma como ponto de partida a Edição “Les Belles Lettres”, de Paris, em sua coleção “Guillaume Budé”. E justifica: “A edição francesa da Coleção Budé, da Sociedade de Edição Les Belles Lettres, em treze tomos, tem a vantagem de dar autonomia aos Diálogos e possibilitar uma listagem seriada deles, na árdua tentativa de estabelecer entre eles uma relação seqüencial” (p. 57).

Dois capítulos são dedicados ao estudo da influência dos pensadores antecedentes, mestres que Platão não desprezou, mas, como bom discípulo, não procurou repeti-los servilmente e, sim, superá-los (p. 63-116). Escreve a profa. Lygia: “Denominamos aqui *mestres* não apenas os pensadores com quem nosso filósofo teve contato direto, seja em Atenas, seja fora dela, quando ele ia a outras cidades para ouvi-los ou para frequentar as sedes de suas escolas. São aqui chamados *mestres* alguns daqueles numerosos pensadores cujas concepções filosóficas foram eleitas por Platão para serem discutidas, questionadas e que, em sua obra, foram consideradas dignas de nota” (p. 63). A autora deixa claro que jamais Platão foi um eclético, simples colecionador de antologias, assumindo todos os tipos de saber disponíveis. Recusou categoricamente os poetas (Homero e Hesíodo, especialmente). Sem discutir aqui de forma mais ampla a velha questão da discórdia entre a filosofia e a poesia ou, mais especificamente, da censura de Platão aos poetas, sua síntese vale a pena ser transcrita: “A sabedoria dos poetas é aparente porque não pertence ao poeta propriamente, mas às Musas (...) ou a uma outra inspiração de ordem divina, por exemplo, o êxtase ou a possessão por um deus” (p. 65). Falamos em “velha questão”, porque não foi apenas o chicote de Platão que estalou nas costas dos poetas. É de Heráclito esta sentença: “Homero merecia ser expulso das competições e açoitado, assim como Arquíloco” (fr. 42, DK). E Xenófanes de Cólofon não deixara por menos: “Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo o que para os homens é opróbrio e vergonha: roubo, adultério e fraudes recíprocas” (fr. 11, DK).

A segunda parte da obra traz uma pequena antologia precedida de um bem elaborado resumo dos Diálogos reconhecidos como autênticos, bem como pertinentes observações sobre a tradução dos mesmos. Isto porque a autora não se serve do caminho mais fácil da recorrência às traduções já existentes em nossa língua, mas prefere, ela mesma, fazer a tradução. Não se trata de uma empresa fácil, tanto para quem se propõe a traduzir, como para os leitores, como bem reconhece a autora: “...mais do que uma interpretação depurada, clara, agradável e familiar das palavras de Platão, procuramos buscar, na medida do possível, muito mais as equivalências de tradução, elas mesmas. A dificuldade da leitura poderá, assim, ser compensada pela maior literalidade, pela obediência à oralidade do gênero dialogado e pela experiência inestimável, insuperável de se estar lendo um texto, um mínimo que seja, mais próximo de Platão” (p.133).

Há que se destacar, ainda, na obra, algumas questões para reflexão, bem como a sugestão de análise da noção de alguns temas-chaves no pensamento platônico, a saber, *idéia*, *memória*, *hipótese*. Diríamos que, neste caso, a obra é de grande valor didático,

uma vez que, tanto sugere alguma tarefa a quem lê, como auxilia o trabalho do professor na seleção de temas.

Ao longo do texto, a autora não pretende, para ser fiel ao próprio Platão, apresentar uma interpretação definitiva do festejado pensador grego, até por reconhecer tal impossibilidade, quer pela enorme distância histórica entre nós e ele, quer por uma espécie de teia protetora criada pela reconhecida “astúcia” do escritor que, no dizer de Giorgio Colli, foi o primeiro a apresentar a filosofia em sua forma literária (cf. **O nascimento da Filosofia**. Campinas, SP: UNICAMP, 1968, pp. 9-10). Por isso, o título da obra tem um caráter heurístico: procura trilhar o caminho das hipóteses, dissertando sobre o mais obscuro dos pensadores apolíneos, o mais apaixonado dos lógicos, o mais místico dos racionalistas, o maior crítico dos mitos (mas, quem mais fez utilização dos mesmos). É o caráter paradoxal da argumentação de seus diálogos que emerge: o ser é eterno e, ao mesmo tempo, insustentável.

Vamos cair no lugar comum, mas é necessário recordar que Platão não é um formulador de sínteses. Requer do leitor a necessária competência para que, sozinho, procure acertar as peças do quebra-cabeça. Não há perfeita conciliação. Esta só vai aparecer, com clareza e plenitude, na sua doutrina *esotérica*, na assim chamada “Doutrina não escrita” (*ágrapha dógmata*). Aliás, sobre o assunto, remetemos o leitor ao interessante ensaio do prof. pe. Lima Vaz, “Platão revisitado. Ética e Metafísica nas origens platônicas”, na verdade, uma brilhante aula inaugural proferida no Curso de Doutorado em Filosofia, na Universidade Federal de Minas Gerais e publicada na revista *Síntese* (20, 61, abril-junho de 1993, pp. 181-198).

A consistência de uma obra pequena que, nem por isso deixa de ser profunda, é creditada, não por acaso à longa convivência da autora com os escritos de Platão. Sua dissertação de Mestrado, em 1973, versou sobre *Leitura do Fédon de Platão* e sua tese de Doutorado teve como título *Verdade do Mito, verdade da História em Platão*. Sem esquecer que, e isto é importante, a autora possui familiaridade com a língua grega e uma experiência de mais de duas décadas como professora no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tendo como campo de trabalho a História da Filosofia Antiga.

Paulo de Góes
(Departamento de Filosofia)